

## UM

Da casa do advogado Royall, no extremo da única rua de North Dormer, saiu uma rapariga e ficou parada na soleira da porta.

Princípio de uma tarde de Junho. O céu, primaveril e transparente, espalhava uma chuva de luz prateada sobre os telhados da aldeia e sobre as pastagens e bosques de larícios que a rodeavam. Soprava uma brisa por entre as nuvens brancas e redondas. Estas pairavam sobre as saliências dos montes, levando as sombras pelos campos até à estrada, coberta de erva, que passa a ser rua quando atravessa North Dormer. Tal lugar fica no alto e é bem visível; faltalhe a generosa sombra das aldeias mais abrigadas de Nova Inglaterra. A pequena mata de salgueiros-chorões, em redor do pequeno lago dos patos, e os espruces-da-Noruega, em frente do portão da casa Hatchard, lançam quase a única sombra existente na berma da estrada, entre a casa do advogado Royall e o local onde, na outra extremidade da povoação, a estrada sobe acima da igreja e contorna o muro, negrecido pela cicuta, que cerca o cemitério.

A brisa de Junho, que brincava pela rua abaixo e sacudia as sombrias franjas dos espruces da casa Hatchard, levou o

chapéu de palha de um rapaz que passava naquele momento por debaixo deles, e fê-lo rodopiar direitinho para dentro do lago, do outro lado da rua.

Enquanto ele corria para o pescar, a rapariga, na soleira da porta do advogado Royall, reparou que era desconhecido, usava roupas citadinas e ria-se muito divertido, como só as pessoas jovens e desprevenidas riem com tais azares.

O coração apertou-se-lhe ligeiramente e a timidez que, por vezes, a assaltava quando via pessoas com cara de veraneantes, obrigou-a a retirar-se para dentro de casa e fingir que procurava a chave que sabia ter já metido no bolso. Olhou com ar crítico para a sua imagem no espelho estreito e esverdeado, encimado por uma águia dourada e que estava pendurado na parede do corredor. Desejou, pela milésima vez, ter os olhos azuis de Annabel Balch, a rapariga que vinha, às vezes, de Springfield passar uma semana com a velha Miss Hatchard. Endireitou o chapéu já queimado pelo sol que lhe cobria o rosto moreno e saiu de novo para o sol.

— Detesto isto tudo! — murmurou.

O rapaz entrara pelo portão de Hatchard e ela tinha agora a rua só para si. North Dormer é sempre um lugar vazio e, às três horas de uma tarde de Junho, todos os homens válidos estão nos campos ou nos bosques e as mulheres em casa, ocupadas na escravidão das tarefas domésticas.

A rapariga caminhava ao longo da rua, balançando a chave enfiada num dedo. Olhava à sua volta com uma atenção redobrada devido à presença de um estranho num lugar que lhe era familiar. Gostaria de saber qual a opinião que as pessoas de outras partes do mundo tinham sobre North Dormer. Ela própria que ali vivia desde os cinco anos pensara, durante muito tempo, que devia ser uma terra com al-

guma importância. Mas, há cerca de um ano, Mr. Miles, o novo pastor da igreja episcopal em Hepburn, que vinha de carro domingo sim, domingo não — quando as estradas não estavam sulcadas pelas carroças — para presidir ao serviço religioso em North Dormer, propusera, numa manifestação de zelo missionário, levar a gente nova até Nettleton para assistirem a uma conferência ilustrada com gravuras sobre a Terra Santa; e uma dúzia de raparigas e rapazes, que representava o futuro de North Dormer, tinha-se apinhado na grande carroça de lavoura, atravessado os montes até Hepburn e apanhado um comboio com paragem em todas as estações até Nettleton. No decorrer desse incrível dia, Charity Royall viajara, pela primeira e única vez, de comboio, vira lojas com fachadas de vidro, provara pudim de coco, tinha-se sentado num teatro e escutara um senhor que dizia coisas ininteligíveis diante de gravuras que teria gostado de ver, se as explicações não a tivessem impedido de as compreender. Esta iniciação, que lhe tinha mostrado ser North Dormer um lugar pequeno, despertou nela uma grande curiosidade que a sua posição, como conservadora da biblioteca da povoação, fora antes incapaz de estimular.

Durante um mês ou dois, mergulhara febrilmente, mas de uma maneira confusa, nos volumes poeirentos da Biblioteca em Memória de Hatchard; depois o efeito produzido por Nettleton começou a desvanecer-se e achou mais fácil aceitar North Dormer como modelo do universo do que continuar com as suas leituras.

Ver o desconhecido obrigara-a a recordar Nettleton mais uma vez e North Dormer retrocedeu para as suas dimensões reais.

Enquanto olhava para cima e para baixo, desde a casa do advogado Royall, pintada de vermelho, agora já desbotado,

numa das extremidades da rua, até à igreja branca na outra, fez os seus juízos sem qualquer piedade. Ali estava uma aldeia dos montes, queimada pelo sol e batida pelas intempéries, abandonada pelos homens, deixada de lado pelos caminhos-de-ferro, transportes, telégrafo e por todas as forças que unem a vida à vida das comunidades modernas. Não tinha lojas, teatros, não havia conferências, nem uma zona comercial; somente uma igreja que abria quinzenalmente aos domingos, se o estado das estradas o permitisse, e uma biblioteca para a qual não se compravam livros há vinte anos e, onde os existentes, já velhos, se desfaziam tranquilamente em pó nas prateleiras húmidas. Tinham-lhe, no entanto, sempre dito que se devia considerar uma privilegiada pela sorte a ter atirado para North Dormer. Sabia que, comparada com o lugar de onde viera, North Dormer representava todas as bênçãos da civilização mais perfeita. Toda a gente da aldeia lho tinha afirmado desde que fora para ali trazida em criança. Até a velha Miss Hatchard lho tinha dito num momento terrível da sua vida:

— Minha filha, deves lembrar-te sempre que foi Mr. Royall quem te trouxe da Montanha.

Tinham-na «trazido da Montanha»; daquela escarpa rochosa que erguia a sua muralha lúgubre acima das encostas mais baixas de Eagle Range, criando um fundo de perpétuo negrume sobre o vale isolado. A Montanha estava à distância de umas boas quinze milhas, mas elevava-se tão abruptamente acima dos outros montes mais baixos que quase parecia lançar a sua sombra sobre North Dormer. E era como que um grande imã ao atrair as nuvens e ao dispersá-las numa tempestade pelo vale. Se, por acaso, no céu de verão mais límpido, pairasse um fio de névoa sobre North Dormer, este era arrastado pelo vento para a Montanha — tal

como um navio era arrastado para um redemoinho — , apanhado no meio das rochas, desfeito e fragmentado para ser de novo varrido sobre a aldeia sob a forma de chuva e escuridão.

Charity não estava bem certa do que era a Montanha; mas sabia que era um lugar desagradável, uma vergonha ter vindo de lá, e que, fosse o que fosse que lhe sucedesse em North Dormer, devia lembrar-se, como, um dia, Miss Hatchard lho recordara, que tinha sido de lá trazida, pelo que teria agora de calar-se e sentir-se agradecida. Pensando nisto, olhou para a Montanha e fez um esforço para se sentir grata. Mas ver o jovem entrar pelo portão de Miss Hatchard trouxe-lhe de novo a visão das resplandecentes ruas de Nettleton. Sentiu-se envergonhada por causa do velho chapéu de abas largas e, farta de North Dormer, tomou consciência dos ciúmes que tinha de Annabel Balch de Springfield, que, algures, bem longe, abria os olhos azuis sobre esplendores mais grandiosos que os de Nettleton.

— Odeio isto tudo! — repetiu.

A meio da rua parou num portão desengonçado. Entrou, dirigiu-se por um caminho de ladrilhos até a um pequeno e estranho templo de tijolo com colunas brancas de madeira que suportavam um frontão triangular no qual estava gravado em letras douradas, já sem brilho: «Biblioteca em Memória de Honorius Hatchard, 1832».

Honorius Hatchard, tio-avô da velha Miss Hatchard que teria, sem dúvida alguma, modificado a frase e sugerido o facto de ser sua sobrinha-neta — a sua única pretensão de superioridade. Honorius Hatchard, nos primeiros anos do século XIX, gozara de um modesto renome. A placa comemorativa, em mármore, no interior da biblioteca, informava os raros visitantes de que ele possuía notáveis dotes li-